Fake News enquanto Instrumento de Política Externa: Uma Perspectiva Construtivista do Caso Bolsonaro

João Pedro Lisbôa[1]
Vitor Oliveira[2]

Resumo: Este trabalho se propõe a analisar a influência do processo de desinformação política, através da utilização de fake news por parte do governo de Jair Bolsonaro, para a formulação de uma agenda de política externa brasileira que atenda aos interesses da extrema-direita. O texto visa explicar esse processo através da teoria construtivista, apresentando um breve repertório teórico — ressaltando os elementos como a relação entre os agentes do processo estudado e seu papel na estrutura da política internacional — e na sequência, detalha-se mais profundamente sobre o uso de fake news como instrumento político, observando-se a realidade da política brasileira sob o atual governo.

Palavras-chave: construtivismo; fake news; governo Bolsonaro; política externa brasileira.

1 Graduando do sexto semestre de Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: joao-lisboa06@hotmail.com

2 Graduando do quarto semestre de Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: oliveiravitorr2002@gmail.com

1 Introdução

No dia vinte e um de setembro de dois mil e vinte e um, na abertura da septuagésima sétima Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, em Nova York, o presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, seguiu a tradição de ser o líder a abrir os debates anuais da maior organização internacional do mundo. Nos doze minutos percorridos de seu discurso, Bolsonaro se propôs a apresentar "um novo Brasil com sua credibilidade recuperada", apontando para importantes realizações de seu governo em diversas áreas de interesse interno e internacional. Embora, em suas palavras, a realidade apontada tenha sido de êxitos políticos e prosperidade do desenvolvimento nacional, poucos momentos após o fim da sua fala, os principais comentários a seu respeito, tanto na imprensa internacional quanto no meio político, focavam nos aspectos atípicos de um discurso na ONU: a forte presença de *fake news* e o negacionismo acerca da pandemia de Covid-19 (PHILLIPS, 2021).

Tendo em vista a constância de tal característica disruptiva da realidade entre a linguagem política e a atuação prática do governo Bolsonaro — sendo o caso do discurso na Assembleia Geral um exemplo notório no cenário internacional —, faz-se necessário, assim, traçar uma análise crítica para compreender a origem e a eficácia da utilização de *fake news* e ações de desinformação como estratégias governamentais no caso brasileiro (WESTRUP, 2020). Para isso, percebe-se como elemento útil à realização de tal análise o uso da teoria construtivista de Relações Internacionais, que, ao explicar a política internacional como uma realidade socialmente construída, auxilia na compreensão da importância da linguagem, do processo de desinformação e do seu impacto direto na produção de agendas políticas sobre a construção de normas, regras e significados; sejam esses de caráter doméstico ou exterior (DUNNE; KURKI; SMITH, 2013).

Portanto, este artigo procura observar o impacto da construção de normas e padrões da política externa do governo Bolsonaro através de formulações inconsistentes em seus discursos — em especial, do próprio presidente da República na figura de chefe de Estado — pela aplicação de *fake news* e elementos de desinformação como centrais para a definição de sua agenda política, direcionada principalmente à sua base de apoio. Em vista disso, este estudo será elaborado através de uma perspectiva geral da teoria construtivista, iniciando com uma exposição teórica, traçando uma delimitação dos agentes e da compreensão sobre sistema

internacional utilizados para tal análise, valendo-se sobretudo de autores da escola Construtivista e de textos que tratem da histórica da política externa brasileira e da situação nacional contemporânea. Na sequência uma observação prática do caso Bolsonaro; concluindo que a construção de uma realidade distorcida através do uso de *fakes news* criaram um cenário peculiar para a aplicação da agenda bolsonarista internacionalmente. Neste sentido, espera-se que as conclusões atingidas possam, de alguma maneira, contribuir de forma democrática para a compreensão do relacionamento entre fala e construção da realidade social no âmbito da política externa brasileira, sobretudo; mas também no campo da desinformação fomentado por figuras de extrema-direita que usam da mesma tática alhures para atingir seus objetivos próprios, casos extremamente relacionáveis ao cenário brasileiro atual.

2 Teoria Construtivista e a Análise do Discurso

A teoria construtivista de Relações Internacionais, embora contenha divergências internas acerca de tópicos pontuais, apresenta um amplo repertório comum para a realização de uma análise a respeito do funcionamento da política e das relações internacionais. Constituída no final do século XX e tendo como principais autores Alexander Wendt, Martha Finnemore e Nicholas Onuf, o campo da teoria passou a ganhar forças por expor argumentos e formulações que ajudassem na compreensão do fim da Guerra Fria, introduzindo elementos que as teorias padrão — realismo e liberalismo — não eram capazes de manusear. Dessa maneira, ela inaugura um novo debate na disciplina que envolve mudanças tanto no campo teórico quanto metodológico, e apresenta um novo olhar à política mundial díspar às interações Estado-Estado (JACKSON; SORENSEN, 2018).

Como seu pilar fundamental, o construtivismo percebe o mundo sobre uma lógica de construção social. Assim, a realidade da política internacional é vista como histórica e socialmente construída, sendo passível de alterações constantes conforme a evolução e mutação dos indivíduos que a constituem; e o devido processo de interações entre agentes e estrutura — este último sendo melhor classificado como "arranjo social" dentro da lógica construtivista — criam movimentos de co-constituição, negando a realidade pré-determinada do sistema internacional (ONUF, 2013; WENDT, 1992). Em síntese, compreende-se que

> O sistema internacional não é algo que esteja "lá fora", como o sistema solar. Não existe por si mesmo, mas apenas como consciência intersubjetiva ou percepção compartilhada entre pessoas; no sentido de um sistema constituído por ideias, não por forças materiais. É uma invenção ou criação humana de um tipo que não é físico nem material, mas puramente intelectual e ideacional. É um conjunto de ideias, um corpo de pensamento, um sistema de normas organizado por certas pessoas num momento e num lugar particulares (JACKSON; SORENSEN, 2018, p. 290).

À vista disso, entende-se que as relações entre estrutura social e agentes formam um conjunto de normas capazes de influenciar a realidade. Tais normas, baseadas em fatores intersubjetivos da comunicação social, são as responsáveis por estruturar a organização coletiva e, desse modo, justificar e legitimar a realidade empírica das relações de poder, bem como conectar essa realidade ao campo teórico. Desse modo, os padrões estabelecidos cumprem a função de informar o discurso, e este, por consequência, influencia igualmente na concepção dos padrões. Percebe-se, então, que o discurso dentro da teoria construtivista não é compreendido como um mero instrumento de ação política, mas a própria ação política em si (NOGUEIRA; MESSARI, 2020).

Embora a ênfase dada à importância do discurso para a análise construtivista não seja um consenso entre os pensadores dessa teoria, tal abordagem passou a ocupar um espaço considerável no meio metodológico pós-positivista com a denominada "virada linguística". A delimitação teórica aqui traçada tem como objetivo observar a influência do discurso — manipulado pelo fenômeno da desinformação — na construção da política externa brasileira do governo atual, como mencionado. Por isso, o recorte de percepção linguística é um ponto fundamental, mesmo dentro da ótica do construtivismo[3].

Assim, o uso da linguagem, ao ser percebido como essencialmente social, é apresentado como um processo que determina a maneira dos agentes atuarem no mundo, de se posicionarem e redigirem narrativas próprias, que, posteriormente, podem influenciar a estrutura. Para tanto, Dunne, Kurki e Smith apontam que

> Uma abordagem para a linguagem baseada em regras requer que nós 'olhemos e vejamos' como a linguagem é posta em uso por agentes sociais

3 Embora a teoria pós-estruturalista seja a principal analista do discurso como ação política, algumas análises construtivistas também utilizam desse método como auxiliar à percepção da construção social da realidade.

> enquanto eles constroem o mundo. [...] Uma abordagem construtivista consistente para a linguagem transfere a ênfase para a geração de significado, normas e regras como expressas na linguagem pelos sujeitos da análise (2013, p. 197, tradução nossa).

Tal afirmativa, em primeira análise, pode soar estranha ao estudo das Relações Internacionais — principalmente àqueles pouco familiarizados com abordagens que vão além da atuação estatal — sendo esta uma área que se propõe a observar interatividades no âmbito global. Como já mencionado, o construtivismo sobrepassa a simplicidade da lógica puramente estatal e racional da política exterior, percebendo elementos mais profundos que constituem essas relações. Em última instância, a teoria construtivista confirma a importância do discurso para a constituição das tradicionais relações entre países e governos, afirmando que "a identidade do Estado se expressa por meio dos principais responsáveis pela tomada de decisões" (JACKSON; SORENSEN, 2018, p. 310). Destarte, para aprofundar a compreensão da caracterização e da importância dos agentes responsáveis pela tomada de decisão e seu papel na constituição social da realidade, urge que se discuta mais sobre quem são tais agentes no caso brasileiro estudado, e como se dá sua atuação no arranjo social internacional.

3 Agentes e Arranjo Social na Política Bolsonarista

Uma vez compreendida as formulações centrais da teoria construtivista e o seu enquadramento para a análise do tema abordado, passa-se agora à sua aplicação prática. Ao se elencar os agentes responsáveis pela formulação da política do governo Bolsonaro, aqui serão analisados em especial o papel fundamental do próprio presidente da República na figura de seu formulador, e sua base eleitoral como responsável por socializar as normas criadas pelo governo no âmbito político-institucional. Neste sentido, figuras relevantes para a construção da política externa nacional, como diplomatas alinhados ao governo, o corpo ministerial ou mesmo ideólogos bolsonaristas, não serão observados como agentes em si, e sim, como membros estruturantes da figura de Jair Bolsonaro enquanto ator internacional.

Primeiramente, ao se abrir o debate sobre agentes internacionais extraestatais, a figura do político por trás do governo toma espaço como um representante direto da máquina estatal. Tal afirmação, embora em um primeiro momento possa

ser relacionável, detém diversas variáveis a serem notadas como também influentes. A variável mais notável talvez seja a de que o indivíduo enquanto ator internacional foge à lógica de racionalidade estratégica da unidade estatal. Os seres humanos, invariavelmente à sua percepção ontológica como de natureza boa ou ruim, são ligeiramente distanciados da afirmação anterior relacionada ao Estado, e por isso, devem ter sua observação atenta para este sentido. Assim, traços inerentemente humanos são adicionados à balança de análise estratégica internacional, percebendo que os líderes que agem em nome do corpo governamental têm distinções tanto no seu nível de percepção e habilidade de negociação no cenário político, como também em um âmbito ético, moral e intelectual (AVANT; FINNEMORE; SELL, 2010).

Desse modo, percebe-se que a relevância de Bolsonaro enquanto agente internacional deve ser vista, primeiramente, como uma figura não relacionada ao pensamento tradicional de ator racional e maximizador da força estatal. Nesse sentido, ele possui relevância para utilizar seu capital político para alterar os interesses das interações sociopolíticas visando garantir interesses pessoais; e alterando, portanto, o modo de funcionamento institucional em seu favor (AVANT; FINNEMORE; SELL, 2010).

A devida movimentação, evidentemente, não é operada de maneira independente, alheia à realidade nacional. Neste momento, a participação popular opera como um segundo agente construtor da realidade da política bolsonarista; fazendo com que sua influência politicamente majoritária — através do processo eleitoral — tenha controle sobre padrões políticos. Para tanto, deve-se perceber o processo de agente transformador da realidade que os indivíduos possuem enquanto elementos ativos da sociedade. Entre suas relações de caráter social, e, consequentemente, histórico, o ser humano pode ser observado como estruturante, também, da realidade política internacional (FREIRE, 1997; 2021). No caso avaliado, tornaria-se invalidável traçar uma análise sobre a política interna e externa do governo Bolsonaro sem se atentar para a validação institucional das atitudes totalmente atípicas tomadas pelo presidente feita pela sua base de apoio. Para tanto, tem-se que a alteração do caráter histórico da política externa brasileira — tópico futuramente detalhado — possui uma grande influência do campo político-cultural brasileiro contemporâneo. Em suma, elementos domésticos, em

um contexto de socialização específico, são capazes de alterar a identidade do Estado (WENDT, 1992).

No caso brasileiro, tal processo de mudança na esfera política operou através da construção social de uma realidade de desinformação como tática governamental. O arranjo social no qual opera a política interna e externa bolsonarista, assim, é percebido como distante da conjuntura social e imerso em uma construção manipulada pelo processo de desinformação com *fake news*. Este último elemento se destaca como um caso simbólico mundialmente, uma vez que ele opera como um elemento endógeno de atuação política de um governo, e não um simples processo fragmentado circulando dentro do campo social (WESTRUP, 2020). Isso posto, torna-se visível o processo de co-constituição entre os agentes aqui estudados — Bolsonaro e sua base de apoio — com a estrutura manipulada em discursos falsos; havendo uma associação de dependência mútua para a existência e continuidade de ambos. Todavia, ainda se faz necessária uma observação mais detalhada sobre a atuação das *fake news* e seu papel dentro da construção dessa realidade citada.

4 Fake News como Estratégia Política

Como apontado, a atuação dos agentes que formulam e legitimam as políticas bolsonaristas de governo é um dos tópicos centrais desta análise. Essa atuação, no entanto, vale-se ressaltar, não é operada de maneira lógica ou racional, e tampouco representa um elemento historicamente típico nas análises sociopolíticas. O diferencial aqui adicionado à equação é a presença de um processo sistêmico de desinformação social através do uso de *fake news*; ou seja, o uso do fenômeno contemporâneo da pós-verdade como estratégia política. Para tanto, urge que se analise as formulações centrais da caracterização das *fake news*, bem como sua aplicação no meio político para poder, então, observar o caso brasileiro aqui trabalhado.

Para tanto, segundo Seixas (2019), vivencia-se hoje a época da pós-verdade, quando as notícias falsas ocupam o espaço das verdades factuais. Na realidade da pós-verdade, principalmente na esfera das discussões político-ideológicas, o peso e a validade das informações vinculadas e compartilhadas não é mais descrito por sua fidelidade aos acontecimentos e a realidade concreta. Ao contrário: o crivo da fidedignidade é substituído pela quantificação do que se recebe ao sistema de

valores e crenças do indivíduo. Esse fenômeno, assim sendo, é resultante do uso da racionalidade instrumental, pragmatista e utilitarista em detrimento a validação das informações (BOUDON, 2017).

No cenário descrito, o uso de *fake news* tem se mostrado um método de persuasão popular extremamente efetivo e amplamente utilizado. Em diversos países, recentemente, a utilização de informações falsas associadas com outros elementos, como a imagem de *outsiders*[4] do âmbito da política institucional tem gerado grandes frutos para seus utilizadores nas democracias liberais ao redor do globo. Ainda, para Seixas (2019), o debate internacional sobre o uso das *fake news* como estratégia política inicia-se por volta de 2016, com o pleito sobre a saída do Reino Unido da União Europeia e as eleições gerais dos Estados Unidos. Em ambos os eventos se notou a particularidade que viria a tornar-se uma constante artimanha no tabuleiro político: o uso de notícias falsas por líderes autoproclamados "alheios" aos respectivos sistemas político-institucionais. O direcionamento dessas *fake news* era consoante com o inventário político-ideológico de grupos importantes das sociedades britânica e estadunidense, o que, em suma, levou a grande mobilização das massas à concretização dos objetivos pleiteados por seus representantes.

A partir dos casos citados, pode-se notar o impacto do discurso, e em particular o uso das *fake news*, para as relações internacionais. No caso britânico, a manobra do discurso levou a uma reconfiguração política de um dos mais importantes blocos políticos e econômicos do globo através da mudança da opinião pública que se converteu em fato político, ou seja, em alteração da postura de um agente estatal. Já no caso norte-americano, o emprego de notícias falsas como manobra sistêmica de influência política e eleitoral resultou na eleição de Donald Trump, enquanto figura adversária ao *status quo* liberal, à presidência dos Estados Unidos (COMO…, 2016).

A realidade brasileira, da mesma maneira, foi igualmente afetada pela presença das *fake news* nas eleições de 2018, intensificadas desde então. Impulsionado por um forte sentimento antiesquerda fermentado pelo Brasil desde a reeleição de Dilma Rousseff em 2014, o então candidato Jair Bolsonaro teve a ascensão de sua

4 Define-se como *outsider* um indivíduo que adentra no âmbito político sem ter relações de longa duração com este, afirmando-se como um candidato que vem "de fora" do círculo político-institucional tradicional. Donald Trump foi uma figura de destaque neste sentido, tendo se elegido como um "empresário", e não um político profissional. No Brasil, em 2018, Bolsonaro tentou o mesmo, se apresentando como *antistablishment*.

popularidade caracterizada por fatores semelhantes ao caso Trump: informalidade política, apresentação como uma opção *outsider*, fácil contato com as massas populares e rejeição ao *establishment* tradicional. Neste momento, a aplicação sistêmica de elementos de desinformação articulada por grupos alinhados com movimentos de extrema-direita ou com financiamento internacional fez com que a realidade do cenário eleitoral fosse moldada em prol do candidato Bolsonaro, tal qual de Trump em 2016 (FERNANDES, 2019).

Posteriormente, já empossado como chefe do executivo, o governo Bolsonaro continuou a usar de estratégias que envolvessem a desinformação e a pós-verdade para atuar legitimamente entre seu público. Este último, até meados de 2020, serviu amplamente como uma base sólida de suporte para o governo, uma vez que o processo de uso das *fake news* se valia de sua insipiência política, majoritariamente, para validar as atitudes do presidente, cujo governo através da desinformação foi constante (BARCELOS, 2018; WESTRUP, 2020).

No que diz respeito, ainda, ao período da pandemia de Covid-19, pode-se afirmar que tal processo foi agravado e amplificado. Agora, mais do que nunca, o destaque à face desinformativa do governo brasileiro foi destaque internacionalmente, com as mentiras e as manipulações envolvendo a gravidade do novo Coronavírus e a negação das vacinas sendo repercutidas como negativas em todos os campos científicos. Este fato abre espaço, então, para a percepção da mudança de postura do mundo perante o Brasil, agora isolado, visto como uma realidade política anômala dentro da sociedade internacional; abrindo espaço, portanto, para a percepção da mudança da política externa brasileira durante o governo das *fake news* de Jair Bolsonaro (ALMEIDA, 2021; OLIVEIRA, 2021).

5 A Política Externa Bolsonarista

Historicamente, em linhas gerais, a política externa brasileira, doravante PEB, foi marcada por multilateralismo e mediação, além de seu caráter insular, coeso e pragmático (FARIA, 2021). Essa característica isolacionista em relação aos demais atores da sociedade e do Estado deu espaço para uma maior participação societária desde meados da década de 1990. O maior envolvimento da sociedade na formulação da PEB faz com que ela assuma também importância política interna e esteja sujeita a influência da opinião pública. Além disso, ela sofreu dois momentos

de transmutação no passado recente e adquiriu novos rumos: o primeiro deles em 2016, com a administração Temer, marcado pela negligência da política externa em virtude do foco na estabilidade política interna (CARNEIRO; BRUHN, 2018), e o segundo em 2018, com o governo Bolsonaro, tema da presente sessão.

A política externa bolsonarista se encontra particularmente marcada pelo atrito do caráter pragmático, histórico no caso brasileiro e necessário a toda política externa assertiva, e do elemento ideológico (SARAIVA; SILVA, 2019). A esfera ideológica da política externa contemporânea consiste na adoção do discurso "olavista" e "anti-globalista". Ou seja, baseada nas ideias do guru bolsonarista Olavo de Carvalho, que defendia que os valores da cultura ocidental, como a liberdade, a família nuclear e o livre mercado, estão ameaçados e encontram em líderes conservadores, como Donald Trump, seus defensores contra uma ordem globalista que busca homogeneizar todas as sociedades. Diante desse discurso, a ala ideológica antiglobalista do Itamaraty, representada principalmente durante muito tempo pelo ex-chanceler Ernesto Araújo, pressiona pela defesa dos ditos valores ocidentais. Dessa forma, a transferência da embaixada brasileira em Israel de Tel Aviv para Jerusalém, a contraposição evidente a países contrários a dita ordem liberal-ocidental — como a República Popular da China e a Estados de maioria Islâmica — são exemplos de medidas pleiteadas por esse grande grupo presente na aparelhagem do Ministério das Relações Exteriores no governo atual. Nesse ponto, o uso de *fake news* e a defesa de ideais conservadores para garantir apoio e sustentação interna, intersectam a política externa e encontram nela uma materialidade limitada. Segundo Mariana Albuquerque, pesquisadora do Observatório de Política Sul-Americano (OPSA):

> Bolsonaro utiliza a PEB como um espaço de políticas declaratórias que buscam a fidelização de uma parcela mais radical do eleitorado. Argumentamos, no entanto, que tais medidas podem gerar atritos potenciais [...] (2019, pág. 15).

Dessa forma, depreende-se que no governo Bolsonaro, a política externa assume relevância interna e eleitoral muito importante. Nesse ponto, a utilização de *fake news* perpassa sua política externa declaratória com o mesmo fim ao ser usada em esferas da política interna: fidelizar o apoio eleitoral. Contudo, a administração Bolsonaro não utiliza somente a PEB como fonte de ganho eleitoral,

há o aspecto no qual o governo Bolsonaro defronta-se com seu próprio discurso interno que ao tomar forma e materializar-se, rivaliza com interesses materiais de grupos políticos que também formam a base de apoio de sua administração interna. A PEB encontra-se espremida entre os interesses econômicos do grande agronegócio, setor de relevância política e econômica imensurável para o governo, e dos interesses ideológicos. Assim, tem-se a política externa enquanto jogo de malabarismo de pressões de grupos de interesse doméstico e sustentabilidade política. Isso, levando em consideração também a esfera nova da relevância da opinião pública na formulação da política externa (FARIA, 2021), mostra que as *fake news* atuam como método que garante coesão e solidez à base de apoio populacional, que pressiona por medidas alinhadas aos valores conservadores, assim como os ideólogos responsáveis pelas formulações delas.

O uso da estratégia de desinformação se insere num contexto de interesses domésticos que atravessaram a esfera nacional e modificaram a atuação de um agente estatal na esfera internacional. Assim, evidencia-se o uso hábil de *fake news* como estratégia governamental para gerir uma ordem pública que garante interesses singulares dentro de uma realidade construída em volta de um grupo específico, sendo este a base de apoio de Jair Bolsonaro.

6 Conclusão

Tendo observado os fatos necessários, pode-se, portanto, traçar o encaminhamento às considerações finais deste estudo. Primeiramente, atenta-se para o fato da lógica de observação aqui feita seguir um raciocínio de socialização de padrões e regras criados dentro de um ambiente essencialmente social. Paulo Freire, um dos intelectuais brasileiros de maior renome, já expunha em suas obras de caráter educacional que uma vez que o ser humano percebe sua consciência, ele passa inevitavelmente a atuar como um agente dentro de sua realidade (1997). Esta afirmativa, dentro da teoria construtivista de Relações Internacionais, torna-se extremamente útil para constatar como toda a sociedade, em determinado grau, possui um nível de influência real sobre o sistema internacional — ou neste caso, no arranjo internacional — e como ele é diariamente modificado através das ações sociais.

O caso brasileiro contemporâneo atual foi percebido como atípico da realidade histórica brasileira por diversos motivos: inicialmente, nota-se a presença de atividades de desinformação pública como sistêmicas, e, pela primeira vez, utilizadas de forma intrínseca à máquina de administração pública através do presente governo. Em outras palavras, a disseminação de *fake news* atuou como estratégia eleitoral e, posteriormente, governamental para gerir uma ordem pública que garantisse interesses específicos dentro de uma realidade à parte — construída em volta de um grupo específico, sendo este a base de apoio de Jair Bolsonaro — no processo de formulação de normas da política institucional do Brasil. Tal processo, ainda, teve resultados prejudiciais para a diplomacia nacional, historicamente estruturada como pacífica e pragmática, e reorganizou o papel nacional dentro de sua tradicional atuação global de negociador e bom mediador entre todos os países.

Por fim, conclui-se que as *fake news*, dentro de uma lógica de desinformação sistêmica, atuam como boas construtoras — ou desconstrutoras — da realidade social, e, logo, da realidade política. No caso brasileiro bolsonarista, elas atuaram como elementos essenciais para o levantamento de normas e padrões por parte da sociedade que, vista como um agente atuante do sistema internacional, pôde trabalhar para elevar ao nível institucional sua ideologia. De mesmo modo, os reflexos na política externa brasileira foram imediatos, e transformaram de maneira radical a tradição diplomática brasileira, que, num futuro próximo, terá de enfrentar grandes desafios para se readequar aos moldes anteriores ou traçar uma nova característica própria; uma vez que os elementos que a construíram rapidamente de maneira anômala seguem como agentes políticos atuantes dentro de nossa sociedade.

Fake News as a Foreign Policy Instrument: A constructivist Perspective of Bolsonaro Case

Abstract: This paper aims to analyze the influence of the political disinformation process, through the use of *fake news* by the government of Jair Bolsonaro, for the formulation of a Brazilian foreign policy agenda that meets the interests of the far right. The text aims to explain this process through the constructivist theory; presenting a brief theoretical repertoire,

and in doing so, it details more deeply about the use of *fake news* as a political instrument, and observes the reality of Brazilian politics under the current government.

Keywords: constructivism; fake news; Bolsonaro government; brazilian foreign policy.

7 Referências:

ALBUQUERQUE, Marianna. O Estilo Bolsonaro de Governar e a Política Externa. **Boletim OPSA:** Rio de Janeiro, 2019.

ALMEIDA, P. R. de. O isolamento internacional do Brasil: retrocessos na diplomacia. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, 2021. Disponível em: https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/392. Acesso em: 11 jan. 2022.

AVANT, Deborah; FINNEMORE, Martha; SELL, Susan. **Who governs the Globe?** Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BARCELOS, Gabriel. Das Fake News a Paulo Freire. **Le Monde Diplomatique Brasil,** 18 nov. 2018.

BOUDON, Raymond. **Crer e saber: pensar o político, o moral e o religioso.** São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CARNEIRO, Camilo Pereira. Bruhn Milene Meneghetti. **"O Brasil e a Integração Sul-Americana"**. In: RUCKERT, A. A; SILVA, A. C. P. da SILVA, G. de V. (Orgs). Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território: Integração sul-americana e regiões periféricas. Porto Alegre: Editora Letra1, 2018, p. 68-84

COMO Trump e o Brexit ajudaram a cunhar a 'palavra do ano' escolhida pelo dicionário Oxford. **BBC Brasil**, 16 novembro 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37998165>. Acesso em: 11 jan. 2022.

DUNNE, Tim; KURKI, Milja; SMITH, Steve. **International Relations Theories: discipline and diversity.** Oxford: Oxford University Press, 2013.

FARIA, Carlos Aurélio Pimenta de. **Política Externa Brasileira: formulação, implementação e avaliação.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2021.

FERNANDES, Sabrina. **Sintomas mórbidos: a encruzilhada da esquerda brasileira.** São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2021.

JACKSON, Robert; SORENSEN, Georg. **Introdução às Relações Internacionais.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2018.

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates.** São Paulo: Grupo Editorial Nacional, 2020.

OLIVEIRA, Joana. Bolsonaro é "líder e porta-voz" das 'fake news' no país, diz relatório final da CPI da Pandemia. **El País,** 20 outubro, 2021. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-20/bolsonaro-e-lider-e-porta-voz-das-fake-news-no-pais-diz-relatorio-final-da-cpi-da-pandemia.html>. Acesso em: 11 jan. 2022.

ONUF, Nicholas Greenwood. **Making sense, making worlds: constructivism in a social theory and international relations.** Abingdon: Routledge, 2013.

PHILLIPS, Tom. Bolsonaro vowed to show a new Brazil but 'lie-filled' UN speech cuts little ice. **The Guardian,** 21 de setembro, 2021. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2021/sep/21/jair-bolsonaro-brazil-un-speech>. Acesso em 24 out. 2021.

SARAIVA, Miriam; SILVA, Álvaro Costa. **Ideologia e pragmatismo na política externa de Jair Bolsonaro.** Relações Internacionais: Lisboa, 2019.

SEIXAS, Rodrigo. **A retórica da pós-verdade: o problema das convicções.** EID&A: Ilhéus, 2019.

WENDT, Alexander. **Anarchy is what States make of it: the social construction of power politics.** Cambridge: The Massachusetts Institute of Technology Press, 1992.

WESTRUP, Ana Carolina. **Desinformação Como Estratégia de Governo.** Le Monde Diplomatique Brasil, 1 de abril, 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/desinformacao-como-estrategia-de-governo/>. Acesso em: 24 out. 2021.